



AS QUATRO ESTAÇÕES DO AMOR

LISA KLEYPAS

*Escândalos na*

PRIMAVERA



## PRÓLOGO

— **T**omei uma decisão sobre o futuro de Daisy – anunciou Thomas Bowman para a esposa e a filha. – Embora nós, Bowmans, não gostemos de admitir uma derrota, não podemos ignorar a realidade.

– Que realidade, pai? – perguntou Daisy.

– De que você não foi feita para a aristocracia britânica. Obtive baixa taxa de retorno em meu investimento na sua busca por um marido. Sabe o que isso significa, Daisy?

– Que sou um mau investimento? – Daisy tentou adivinhar.

Ninguém diria que Daisy era uma moça de 22 anos. Pequena, esguia e com cabelos escuros, ainda tinha a agilidade e a exuberância de uma criança, enquanto outras mulheres já se tornavam ajuizadas matronas. Sentada com as pernas sobre o assento, ela parecia uma boneca de porcelana abandonada no canto do sofá. Irritava Bowman ver a filha segurando um livro no colo com um dedo marcando a página. Obviamente ela mal podia esperar que ele terminasse de falar para que pudesse retomar a leitura.

– Largue isso – ordenou ele.

– Sim, meu pai.

Disfarçadamente, Daisy abriu o livro para ver o número da página e o pôs de lado. O pequeno gesto irritou Bowman. Livros... A mera visão de um livro passara a representar o vergonhoso fracasso da filha no mercado matrimonial.

Tragando um grande charuto, Bowman se sentou em uma cadeira estofada na suíte do hotel que eles ocupavam havia mais de dois anos. Sua esposa, Mercedes, estava empoleirada em uma cadeira de vime com espaldar alto. Bowman era um homem corpulento, tão intimidador em suas dimensões físicas quanto em seus gestos. Embora fosse careca, tinha um denso bigode, como se toda a energia necessária para que lhe crescessem cabelos tivesse sido canalizada para o lábio superior.

Na época do casamento, Mercedes era extraordinariamente magra. Com o passar dos anos, emagrecera ainda mais, como um sabão gasto que vai se reduzindo a uma fina fatia. Os cabelos pretos e lisos estavam sempre presos. As mangas de seus vestidos eram bem ajustadas aos punhos dimi-

nutos, que, de tão finos, poderiam ser partidos como ramos de videeiro. Mesmo quando se sentava imóvel, ela transmitia uma energia nervosa.

Bowman nunca se arrependera de ter escolhido Mercedes como esposa. Sua ambição férrea correspondia perfeitamente à dele. Ela era uma mulher rígida e astuta, sempre em busca de um lugar para os Bowmans na alta sociedade.

Fora Mercedes quem insistira em levar as filhas para a Inglaterra, já que eles não seriam aceitos na nata da sociedade nova-iorquina. “Vamos simplesmente passar por cima deles”, dissera ela com determinação.

E, por Deus, tinham sido bem-sucedidos com Lillian, sua filha mais velha. De algum modo, Lillian conquistara o maior prêmio de todos: lorde Westcliff. O conde fora uma ótima aquisição para a família. Mas agora Bowman estava impaciente para voltar à América. Se fosse para Daisy arranjar um marido com um título, a essa altura já teria conseguido. Estava na hora de minimizar os prejuízos.

Refletindo sobre os cinco filhos, Bowman se perguntou como podiam ter puxado tão pouco a ele. Mercedes e ele eram determinados, mas três de seus filhos eram muito plácidos e aceitavam as coisas do jeito que eram. Achavam que tudo cairia em suas mãos, como frutas maduras junto ao tronco de uma árvore. Lillian era a única que parecia ter herdado um pouco do espírito agressivo dos Bowmans, mas era mulher.

E havia Daisy. De todos os filhos, ela sempre tinha sido a que Thomas Bowman entendia menos. Mesmo na infância, Daisy nunca havia tirado as conclusões certas das histórias que ele lhe contava, fazendo apenas perguntas que nunca pareciam relevantes. Quando ele lhe explicara por que os investidores em busca de baixo risco e retornos moderados deveriam aplicar seu capital em títulos de dívida pública, Daisy o interrompera perguntando: “Pai, não seria maravilhoso se os beija-flores se reunissem para tomar chá e fôssemos pequenos o suficiente para sermos convidados?”

Ao longo dos anos, os esforços de Bowman para mudar Daisy encontraram uma valente resistência. A filha gostava de ser como era. Tentar mudá-la era como reunir um bando de borboletas. Simplesmente impossível.

Como Bowman andava meio louco com a natureza imprevisível da filha, não se admirava nem um pouco com a falta de homens dispostos a assumi-la por toda a vida. Que tipo de mãe ela seria, tagarelando sobre fadas descendo por arco-íris em vez de incutir regras sensatas nas cabeças dos filhos?

Mercedes entrou na conversa com uma voz consternada:

– Sr. Bowman, a temporada está longe de terminar. E Daisy fez um excelente progresso até agora. Lorde Westcliff a apresentou a vários cavalheiros promissores e todos ficaram muito interessados na perspectiva de se tornarem cunhados do conde.

– É óbvio que o interesse de cada um desses “cavalheiros promissores” é se tornar cunhado de Westcliff, em vez de marido de Daisy – disse Bowman sombriamente. – Algum desses homens pretende pedi-la em casamento?

– Ela não tem como saber... – argumentou Mercedes.

– As mulheres sempre sabem dessas coisas. Responda, Daisy, há alguma possibilidade de você se casar com um desses cavalheiros?

A jovem hesitou, seus olhos escuros revelando preocupação.

– Não, pai – admitiu francamente.

– Como pensei.

Cruzando os dedos grossos sobre a barriga, Bowman olhou autoritariamente para as duas mulheres, que estavam caladas.

– Seu fracasso se tornou inconveniente, filha. Preocupa-me o gasto desnecessário com vestidos e bugigangas... O tédio de levá-la de um baile improdutivo a outro. Mais do que isso, preocupa-me essa aventura ter me mantido na Inglaterra quando sou necessário em Nova York. Por isso, decidi escolher um marido para você.

Daisy o encarou, confusa.

– Quem tem em mente, pai?

– Matthew Swift.

Mercedes olhou para o marido como se ele tivesse enlouquecido.

– Isso não faz nenhum sentido! Esse casamento não traria nenhuma vantagem para nós. O Sr. Swift não é um aristocrata e não possui uma riqueza significativa...

– Ele é um dos Swifts de Boston – contrapôs Bowman. – Dificilmente uma família pode torcer o nariz para isso. Tem um bom nome e uma boa linhagem. E o mais importante: Swift é dedicado a mim. É uma das pessoas com mais tino para negócios que eu já conheci. Quero-o como genro. Quero que herde minha empresa quando chegar a hora.

– Você tem três filhos legítimos que a herdarão – rebateu Mercedes, indignada.

– Nenhum deles dá a mínima para a empresa. Eles não se interessam por

ela. – Pensando em Matthew Swift, que florescera sob sua tutela por quase dez anos, Bowman sentiu o orgulho florescer. O rapaz se parecia mais com ele do que seus próprios filhos. – Nenhum deles tem a ambição e frieza de Swift. Eu o tornarei o pai dos meus herdeiros.

– Ficou louco! – exclamou Mercedes, irritada.

Daisy falou em um tom calmo, totalmente oposto ao do pai:

– Devo salientar que minha cooperação é necessária, especialmente agora que estamos falando em herdeiros. E eu garanto que nenhum poder na Terra me forçará a ter filhos de um homem de quem eu não goste.

– Pensei que você desejaria ser útil para alguém – rugiu Bowman. Sempre fora da natureza dele combater a rebeldia com uma força esmagadora. – Pensei que desejaria um marido e um lar em vez de continuar vivendo como uma parasita.

Daisy se encolheu como se ele a tivesse estapeado.

– Não sou uma parasita.

– Não? Então me explique como o mundo se beneficiou com sua presença. O que você já fez para alguém?

Diante da tarefa de justificar sua existência, Daisy o olhou friamente e permaneceu em silêncio.

– Esse é meu ultimato – disse Bowman. – Encontre um marido adequado até o fim de maio ou eu a casarei com Swift.

# CAPÍTULO 1

— **E**u não deveria contar isso – resmungou Daisy, andando de um lado para outro na sala Marsden mais tarde naquela noite. – Em seu estado você não deveria se preocupar. Mas vou explodir se guardar isso para mim, o que provavelmente a preocuparia infinitamente mais.

Sua irmã mais velha ergueu a cabeça, que estava apoiada no ombro de lorde Westcliff.

– Conte-me – disse Lillian, tentando conter outra onda de náusea. – Só me preocupo quando as pessoas escondem coisas de mim.

Ela estava reclinada no longo sofá, enquanto Westcliff lhe dava uma colherada de sorvete de limão na boca. Lillian fechou os olhos ao engolir, seus cílios escuros contrastando com as bochechas pálidas.

– Melhor? – perguntou Westcliff gentilmente, enxugando uma gota no canto dos lábios da esposa.

Lillian assentiu com a cabeça, seu rosto assustadoramente pálido.

– Sim, acho que isso está ajudando. Argh. É melhor rezar para ser um menino, Westcliff, porque esta é sua única chance de ter um herdeiro. Nunca mais vou passar por isso...

– Abra a boca – disse ele, e lhe deu mais sorvete.

Normalmente Daisy teria ficado comovida com o vislumbre da vida íntima dos Westcliffs. Era raro alguém ver Lillian tão vulnerável ou Marcus tão gentil e preocupado. Mas Daisy estava tão distraída com os próprios problemas que mal notou a interação deles enquanto falava impulsivamente:

– Papai me deu um ultimato. Esta noite ele...

– Espere – disse Westcliff em voz baixa, ajustando a posição da esposa.

Ao acomodá-la de lado, Lillian se apoiou mais pesadamente nele e pôs uma de suas mãos brancas e esguias sobre a barriga. Ele murmurou algo indecifrável junto aos cabelos cor de ébano desgrehados de Lillian e ela assentiu com a cabeça dando um suspiro.

Qualquer um que testemunhasse a ternura de Westcliff com sua jovem esposa não poderia deixar de notar as mudanças no conde, que sempre fora conhecido por ser um homem frio. Ele havia se tornado muito mais acessível, sorria mais, e seus padrões de comportamento tinham se tornado bem

menos rígidos. O que era bom para um homem que tinha Lillian como esposa e Daisy como cunhada.

Westcliff franziu o cenho e se concentrou em Daisy. Embora o conde não dissesse nenhuma palavra, Daisy viu nos olhos dele o desejo de proteger Lillian de tudo o que pudesse lhe tirar a paz.

Subitamente Daisy sentiu vergonha de ter procurado a irmã para contar as injustiças cometidas por seu pai. Em vez de guardar seus problemas para si, correr para a irmã mais velha como uma criança tagarela. Mas então os olhos castanhos de Lillian se abriram, afetuosos e sorridentes, e milhares de lembranças da infância pairaram no ar, como alegres vagalumes. A intimidade das irmãs era algo que nem o mais protetor dos maridos poderia evitar.

– Conte-me – disse Lillian, aconchegando-se ao ombro de Westcliff. – O que o ogro disse?

– Ele me casará se eu não encontrar um marido até o fim de maio. E adivinhe com quem?

– Não posso imaginar – respondeu Lillian. – Ele não aprova ninguém.

– Ah, sim, aprova! – retrucou Daisy. – Há *um* que ele aprova.

Até Westcliff estava começando a parecer interessado.

– É alguém que eu conheça?

– Logo conhecerá – respondeu Daisy. – Papai mandou chamá-lo. Ele chegará à propriedade de Hampshire na semana que vem para caçar cervos.

Westcliff tentou se lembrar dos nomes que Thomas Bowman lhe pedira para incluir na lista de convidados para a caçada da primavera.

– O americano? – perguntou. – Sr. Swift?

– *Sim*.

Confusa, Lillian olhou para a irmã. Então virou o rosto e sufocou um gritinho no ombro do marido. No início, Daisy temeu que ela estivesse chorando, mas logo ficou claro que estava rindo incontrolavelmente.

– Não, não é possível... Que absurdo! Você nunca poderia...

– Você não ia achar tão engraçado se estivesse no meu lugar – disse Daisy de cara feia.

Westcliff olhou de uma irmã para outra.

– O que o Sr. Swift tem de errado? Pelo que seu pai disse, parece um homem bastante respeitável.

– Ele tem tudo de errado – respondeu Lillian, dando mais uma risada.

– Mas seu pai gosta dele – rebateu Westcliff.

– Ah! – zombou Lillian. – O Sr. Swift adula meu pai tentando imitá-lo e fazendo tudo o que ele diz.

O conde refletiu sobre as palavras da esposa enquanto lhe levava mais sorvete de limão aos lábios. Ela gemeu de prazer ao sentir o líquido gelado descer por sua garganta.

– Seu pai está errado ao dizer que o Sr. Swift é inteligente? – perguntou Westcliff a Daisy.

– Ele é inteligente – admitiu Daisy –, mas é um sujeito complicado. O Sr. Swift faz milhares de perguntas e assimila o que é dito, mas não diz nada.

– Talvez seja tímido – observou Westcliff.

Daisy não conseguiu conter o riso.

– Eu garanto, milorde, que o Sr. Swift não é tímido. Ele é...

Ela se deteve, achando difícil pôr os pensamentos em palavras.

A grande frieza de Matthew Swift era acompanhada de um insuportável ar de superioridade. Ninguém nunca podia lhe dizer nada, porque ele sabia absolutamente tudo. Como Daisy havia crescido em uma família repleta de personalidades intransigentes, não tinha nenhum interesse em ter mais uma pessoa rígida em sua vida.

Para ela, o fato de Swift combinar tanto com os Bowmans não o favorecia em nada.

Talvez Swift pudesse ser mais tolerável se tivesse algum charme ou atrativo. Mas ele não fora abençoado com nenhuma graça. Nenhum senso de humor, nenhuma amabilidade perceptível. Era esquisito, alto, desproporcional e tão magro que os braços e as pernas pareciam ramos de videira. Daisy se lembrou de como o casaco de Matthew dava a impressão de pender de seus ombros largos como se não houvesse nada no interior.

– Em vez de mencionar tudo de que não gosto nele – disse Daisy –, é mais fácil dizer que não há motivo pelo qual eu *deveria* gostar.

– Ele nem mesmo é bonito – acrescentou Lillian. – É um saco de ossos.

Ela deu um tapinha no peito musculoso de Westcliff em um silencioso elogio ao físico do marido, que se divertiu com o gesto.

– O Sr. Swift possui *alguma* característica boa?

As duas irmãs pensaram na pergunta.

– Ele tem dentes bonitos – disse Daisy relutantemente.

– Como você sabe? – perguntou Lillian. – Ele nunca sorri!



– Sua avaliação é severa – observou Westcliff. – Mas o Sr. Swift pode ter mudado desde que o viu pela última vez.

– Não a ponto de algum dia eu concordar em me casar com ele.

– Você não terá de se casar com Swift se não quiser – disse Lillian veementemente, mexendo-se nos braços de seu marido. – Não estou certa, Westcliff?

– Sim, querida – murmurou ele, tirando os cabelos dela do rosto.

– E você não deixará papai afastar Daisy de mim – insistiu Lillian.

– É claro que não. Sempre se pode chegar a um acordo.

Lillian relaxou junto ao marido, tendo fé absoluta nas capacidades dele.

– Pronto – murmurou ela para Daisy. – Não precisa se preocupar. Westcliff tem tudo... – Ela parou para dar um grande bocejo –... sob controle.

Vendo a irmã baixar as pálpebras, Daisy sorriu solidariamente. Notou o olhar de Westcliff por sobre a cabeça de Lillian e lhe fez um sinal avisando que ia embora. Ele respondeu inclinando a cabeça com cortesia e voltou sua atenção de imediato para o rosto sonolento de Lillian. Daisy se perguntou se algum homem a olharia daquela maneira, como se segurasse um tesouro nos braços.

Estava certa de que Westcliff tentaria ajudá-la do modo que pudesse, nem que fosse apenas por Lillian. Mas sua fé na influência do conde não podia ser infinita, já que ela conhecia bem o jeito inflexível do próprio pai. Embora ela fosse desafiá-lo de todas as formas possíveis, tinha o mau sentimento de que a sorte não estava a seu favor.

Ela parou na porta da sala e olhou com preocupação para o casal no sofá. Lillian havia adormecido rápido, com a cabeça pousada pesadamente em Westcliff. Quando o conde viu o olhar infeliz de Daisy, ergueu uma das sobrancelhas em um questionamento mudo.

– Meu pai... – começou a explicar Daisy, e então mordeu o lábio. Aquele homem era sócio de seu pai. Não devia aborrecê-lo com queixas. Mas a expressão paciente de Westcliff a encorajou a prosseguir. – Ele me chamou de parasita – disse em voz baixa para não perturbar Lillian.

– E qual foi sua resposta a esse comentário? – perguntou Westcliff.

– Eu não consegui pensar em nada para dizer.

Os olhos cor de café de Westcliff eram insondáveis. Ele lhe fez um gesto para se aproximar do sofá. Para surpresa de Daisy, ele segurou sua mão e a apertou de forma afetuosa. O normalmente circunspecto conde nunca fizera algo assim.

– Daisy – disse Westcliff amavelmente. – A maioria das pessoas não se

distingue por grandes feitos, mas por um número infinito de pequenas coisas. Sempre que você faz algo de bom ou faz alguém sorrir, isso dá sentido à sua vida. Nunca duvide de seu valor, minha cara. O mundo seria um lugar triste sem Daisy Bowman.



Poucas pessoas negariam que Stony Cross Park era um dos lugares mais bonitos da Inglaterra. A propriedade em Hampshire possuía uma infinidade de terras: de florestas quase impenetráveis a prados úmidos floridos, de pântanos à mansão de pedra cor de mel em uma colina com vista para o rio Itchen.

A vida florescia em toda parte. Brotos claros emergiam do tapete de folhas caídas aos pés de carvalhos sulcados e cedros, e campânulas se escondiam em uma parte mais escura da floresta.

Gafanhotos saltitavam por prados repletos de primulas e cardaminas enquanto libélulas azuis pairavam sobre as intrincadas pétalas brancas de meniantos. O ar, saturado do aroma de sebes e da relva verde macia, tinha o perfume da primavera.

Depois de doze horas infernais de carruagem, os Westcliffs, os Bowmans e outros convidados ficaram felizes em finalmente chegar lá.

O céu tinha uma cor diferente em Hampshire – um azul mais suave – e o ar, uma bem-vinda quietude. Não se ouviam sons de rodas e cascos em ruas pavimentadas, vendedores ou mendigos, apitos de fábricas ou a agitação constante que perturbava os ouvidos na cidade. Só havia os chilros de tordos nas sebes, o bater de pica-paus nas árvores e o ocasional mergulho no rio de martins-pescadores abrigados nos juncos.

Lillian, que antes achava o campo mortalmente tedioso, ficou radiante por estar de volta. Ela florescia no clima de Stony Cross Park e, depois de sua primeira noite na mansão, se sentia muito melhor do que semanas antes. Agora que não era mais possível esconder a gravidez com vestidos de cintura alta, ela não devia mais ser vista em público. Como estava em sua propriedade, teria uma relativa liberdade, embora fosse restringir suas interações com convidados a grupos pequenos.

Daisy, que fora instalada em seu quarto favorito na mansão, também estava feliz. O lindo e singular quarto pertencera à irmã de lorde Westcliff, Lady Aline, que agora residia na América com o marido e o filho. A característica

mais encantadora do cômodo era o pequeno gabinete contíguo que fora trazido da França e havia sido remontado. Pertencera originalmente a um castelo do século XVII e tinha uma *chaise-longue* perfeita para cochilar ou ler.

Encolhida com um de seus livros em um canto da *chaise-longue*, Daisy se sentia como se estivesse escondida do resto do mundo. Ah, se ao menos pudesse ficar ali em Stony Cross e morar com sua irmã para sempre! Mas ela sabia que nunca seria feliz assim. Queria ter a própria vida, o próprio marido, os próprios filhos.

Pela primeira vez desde que se lembrava, a mãe e ela tinham se tornado aliadas, unidas em seu desejo de evitar um casamento com o odioso Matthew Swift.

– Aquele desgraçado! – exclamara Mercedes. – Não tenho nenhuma dúvida de que enfiou essa maldita ideia na cabeça de seu pai! Sempre suspeitei de que ele...

– Suspeitou de quê? – perguntara Daisy, mas sua mãe só apertara os lábios até formarem uma linha áspera.

Depois de examinar a lista de convidados, Mercedes informara Daisy de que um grande número de cavalheiros adequados se hospedaria na mansão.

– Embora nem todos sejam herdeiros diretos de títulos, são de famílias nobres – dissera Mercedes. – E nunca se sabe... Desgraças acontecem: doenças fatais ou acidentes graves. Vários membros da família poderiam morrer ao mesmo tempo e então seu marido se tornaria um nobre!

Parecendo acalantar a esperança de que uma calamidade se abatesse sobre os futuros parentes de Daisy, Mercedes analisara mais atentamente a lista.

Daisy estava impaciente pela chegada de Evie e St. Vincent. Sentia muita falta de Evie, em especial porque Annabelle estava ocupada com seu bebê e Lillian se movia devagar demais para acompanhá-la nas caminhadas que apreciava.

No terceiro dia após sua chegada a Hampshire, Daisy foi passear sozinha à tarde. Tomou um caminho que trilhara em muitas visitas anteriores. Usava um vestido de musselina azul-claro com estampa floral, botas de caminhada resistentes e um chapéu de palha atado por fitas.

Andando a passos largos por uma estrada que passava por prados repletos de celidônias amarelas e dróseras vermelhas, Daisy pensou em seu problema.

Por que era tão difícil para ela encontrar um marido?

Não era que não quisesse se apaixonar por alguém. Na verdade, essa

ideia a agradava tanto que parecia terrivelmente injusto ainda não ter encontrado a pessoa certa. Ela tinha tentado, mas sempre havia algo errado.

Se um cavalheiro tinha a idade certa, era passivo ou pomposo. Se era gentil e interessante, era velho o suficiente para ser seu avô ou logo demonstrava algum problema perturbador, como cheirar mal ou cuspir em seu rosto enquanto falava.

Daisy sabia que não era nenhuma beldade. Era muito baixa, frágil e, embora já tivesse sido elogiada por seus olhos e cabelos escuros, que contrastavam com a pele clara, também ouvira muitas vezes se referirem a ela usando as palavras “miúda” e “travessa”. As jovens travessas aparentemente não atraíam tantos pretendentes quanto as mignons delicadas ou as beldades esculturais.

Também fora observado que Daisy passava tempo de mais com seus livros, o que provavelmente era verdade. Se lhe permitissem, passaria a maior parte do dia lendo e sonhando. Qualquer nobre sensato sem dúvida concluiria que ela não seria uma esposa útil em questões de administração doméstica, inclusive naqueles deveres que exigiam total atenção a detalhes. E estaria certo.

Daisy não podia se importar menos com o conteúdo da despensa ou quanto de sabão encomendar para a lavagem diária de roupas. Interessava-se muito mais por romances, poesia e história. Tudo isso a levava a longos voos da imaginação durante os quais ela passava horas diante de uma janela sem ver o mundo real, vivendo aventuras exóticas, viajando em tapetes mágicos, navegando por oceanos distantes e procurando tesouros em ilhas tropicais.

E havia cavalheiros atraentes nos sonhos de Daisy, inspirados por histórias de grande heroísmo e objetivos nobres. Esses homens imaginários eram tão mais interessantes que os comuns. Falavam palavras bonitas, eram ótimos em lutas de espada e duelos e faziam mulheres desmaiarem com seus beijos.

É claro que Daisy não era ingênua a ponto de pensar que homens assim existissem, mas tinha de admitir que, com todas essas imagens românticas na cabeça, os homens reais pareciam terrivelmente... *insípidos*.

Daisy ergueu o rosto para o sol fraco que se infiltrava pela copa das árvores e cantou uma música popular:

*Que venha o rico ou o humilde,  
O de esperteza ou ingenuidade.  
Que venha qualquer homem  
Para se casar por piedade!*

Logo Daisy chegou ao seu destino: um poço que ela e as amigas já tinham visitado algumas vezes. Um poço dos desejos. Diziam que ele era habitado por um espírito que realizaria seu pedido se você lhe atirasse um alfinete. O único perigo era chegar perto demais, porque o espírito do poço poderia puxá-la para dentro para viver para sempre como sua consorte.

Em ocasiões anteriores, Daisy fizera pedidos para suas amigas – e todos foram atendidos. Agora ela era quem precisava de um pouco de magia. Pousou o chapéu no chão, aproximou-se do poço e olhou para a água lamacenta. Enfiou a mão no bolso de seu vestido de caminhada e pegou um papel com alfinetes espetados.

– Espírito do Poço, como tive tão pouca sorte em encontrar um marido, estou deixando isso a seu cargo. Sem exigências, sem condições. Meu desejo é... o homem certo para mim. Estou preparada para ser receptiva.

Ela tirou os alfinetes. O metal brilhou no ar antes de atingir a água e sumir na superfície turva.

– Eu gostaria que todos esses alfinetes fossem para o mesmo desejo – explicou Daisy para o poço.

Ela ficou em pé por um longo momento com os olhos fechados, concentrando-se. Acima do som da água ouviu o zumbido de uma libélula. Subitamente algo estalou atrás dela, como se um galho fino tivesse sido pisado. Daisy se virou e viu a silhueta de um homem indo na sua direção. Ele estava a apenas alguns metros de distância. O choque de descobrir alguém tão perto fez seu coração bater em um ritmo desconfortável.

Ele era alto e musculoso, como o marido de sua amiga Annabelle, embora parecesse um pouco mais jovem, talvez com menos de 30 anos.

– Desculpe – disse o homem em voz baixa ao ver a expressão de Daisy.  
– Não queria assustá-la.

– Ah, não me assustou – mentiu Daisy alegremente, seu pulso ainda acelerado. – Só fiquei um pouco... surpresa.

Ele se aproximou devagar, com as mãos no bolso.

– Cheguei algumas horas atrás. Disseram-me que a senhorita estava passando por aqui.

Ele parecia familiar e a encarava como se esperasse que o reconhecesse. Daisy sentiu a aflição que sempre a acometia quando se esquecia de alguém.

– É hóspede de lorde Westcliff?

Ele lhe lançou um olhar curioso e esboçou um sorriso.

– Sim, Srta. Bowman.

Ele sabia o nome dela. Daisy estava cada vez mais confusa. Não entendia como podia ter se esquecido de um homem tão atraente. Ele tinha feições fortes e marcantes, era másculo demais para ser definido como bonito e impressionante demais para ser considerado comum. E seus olhos tinham o tom de azul de manhãs gloriosas, ainda mais intenso em contraste com a pele bronzeada. Havia algo de extraordinário nele, uma espécie de força vital tão grande que quase a fez dar um passo para trás.

Quando ele inclinou a cabeça para olhá-la, um brilho cor de mogno deslizou sobre seus cabelos castanho-escuros com um corte mais rente à cabeça do que o preferido pelos europeus. Era um estilo americano. Na verdade, ele tinha sotaque americano. E aquele cheiro de frescor e limpeza que ela detectou... Era o de um sabonete *Bowman's*?

Subitamente Daisy se deu conta de quem ele era e seus joelhos quase fraquejaram.

– O *senhor!* – sussurrou, arregalando os olhos ao contemplar o rosto de Matthew Swift, o homem com quem seu pai queria que ela se casasse.

## CAPÍTULO 2

**D**aisy devia ter cambaleado um pouco, porque ele a segurou pelos braços.

– Sr. Swift – murmurou, tentando instintivamente recuar.

– A senhorita vai cair no poço. Venha comigo.

Ele a puxou com gentileza, mas firmemente, afastando-a da água. Irritada por ter sido conduzida como um ganso perdido, Daisy se retesou. Algumas coisas não haviam mudado. Matthew continuava dominador.

No entanto, não conseguia parar de olhar para ele. Meu Deus, nunca em sua vida vira tamanha transformação. O “saco de ossos” tinha se transformado em um homem forte e bem-sucedido que irradiava saúde e vigor. Usava roupas elegantes que não escondiam a bela musculatura.

As mudanças não eram só físicas. A maturidade lhe dera um ar confiante, de um homem que conhecia as próprias habilidades. Daisy se lembrou de quando ele havia começado a trabalhar para seu pai... Era um oportunista, esquelético, e tinha um olhar frio. Usava roupas caras que lhe caíam mal e sapatos gastos. “A velha Boston é assim”, dissera o pai, de forma indulgente, quando os sapatos tinham causado comentários na família. “As pessoas aqui fazem um par de sapatos ou um casaco durar para sempre. A economia é uma religião, independentemente do tamanho da fortuna da família.”

Daisy se soltou de Swift.

– O senhor mudou – disse, tentando se recompor.

– A senhorita, não – respondeu ele. Ela não sabia dizer se o comentário era um elogio ou uma crítica. – O que estava fazendo no poço?

– Eu estava... Eu pensei... – Daisy tentou em vão encontrar uma explicação sensata, mas não conseguiu pensar em nada. – É um poço dos desejos.

Ele estava com uma expressão solene, mas havia um brilho suspeito em seus olhos azuis, como se secretamente achasse graça.

– Leva isso a sério?

– Todos na vila vêm aqui – respondeu Daisy irritada. – É um poço dos desejos *lendário*.

Ele a olhava do modo que ela sempre havia detestado, assimilando tudo, sem deixar escapar nenhum detalhe. Daisy sentiu as bochechas arderem.

– O que pediu?

– Isso é particular.

– Conhecendo-a como conheço, poderia ser qualquer coisa.

– O senhor não me conhece – retrucou Daisy.

Era enlouquecedor o fato de ela ter sido oferecida em casamento para o homem errado. Seria apenas um negócio envolvendo dinheiro e obrigações. Desapontamento e desprezo mútuo. Matthew nunca se casaria com ela se não fosse por interesse na empresa de seu pai.

– Talvez não – admitiu Swift.

Mas as palavras soaram falsas. Ele achava que sabia exatamente quem ela era. Seus olhares se encontraram, medindo-se e desafiando-se.

– Sendo um poço *lendário* – continuou Swift –, eu detestaria deixar passar essa oportunidade única.

Ele procurou brevemente em seu bolso e pegou uma grande moeda de prata. Daisy não via dinheiro americano havia uma eternidade.

– É preciso atirar um alfinete – observou ela.

– Não tenho um.

– É uma moeda de 5 dólares – disse Daisy sem poder acreditar. – Não vai jogá-la fora assim, vai?

– Não vou jogá-la fora. Vou fazer um investimento. É melhor me dizer qual é o procedimento adequado. É muito dinheiro para ser desperdiçado.

– Está zombando de mim.

– Estou falando sério. Nunca fiz pedidos para um poço dos desejos. Uma ajuda seria bem-vinda.

Ele esperou a resposta de Daisy. Quando ficou evidente que não viria, um toque de humor surgiu no canto de seus lábios.

– Vou atirar a moeda mesmo assim.

Daisy amaldiçoou a si mesma. Swift estava zombando dela, mas não conseguiu resistir. Um desejo não era algo que deveria ser desperdiçado, principalmente quando feito com uma moeda de 5 dólares.

Ela se aproximou do poço e disse:

– Primeiro, segure a moeda na palma da mão até ela ficar quente.

Swift foi para o lado dela.

– E depois?

– Feche os olhos e se concentre no desejo. – Ela assumiu um tom zombeteiro. – E tem de ser um desejo pessoal. Não pode ter nada a ver com fusões ou trustes bancários.

– Eu penso em outras coisas além de negócios.

Daisy lhe lançou um olhar cético e ele a surpreendeu com um breve sorriso.

Já o vira sorrir? Talvez uma ou duas vezes. Tinha uma vaga lembrança disso, quando o rosto dele era tão magro que o sorriso mais parecia uma careta do que uma manifestação de alegria. Mas agora o sorriso era espontâneo, o que o tornava afável e sedutor, e uma onda de calor a fez se perguntar que tipo de homem se escondia por trás daquela aparência sóbria.

Daisy ficou aliviada quando o sorriso desapareceu e ele voltou ao seu eu pétreo.

– Feche os olhos – lembrou-lhe. – Afaste tudo de sua mente, exceto o pedido.



Os olhos de Swift se fecharam, dando a Daisy a chance de examiná-lo. Suas feições eram marcantes, o nariz comprido demais, a boca obstinada, os cílios pretos e extravagantes. A boa aparência de Swift finalmente se revelou. Os ângulos austeros do rosto tinham se suavizado e a boca sugeria sensualidade.

– E agora? – murmurou ele, ainda com os olhos fechados.

Contemplando-o, Daisy ficou horrorizada com seu impulso de se aproximar e passar os dedos por aquele rosto bronzeado.

– Quando o desejo estiver fixo em sua mente, abra os olhos e atire a moeda no poço.

Os cílios dele se ergueram, revelando olhos brilhantes como fogo contido em vidro azul. Sem olhar para o poço, Swift atirou a moeda bem no centro.

Daisy percebeu que seu coração tinha começado a bater rápido. Sentira algo parecido quando lera as passagens mais assustadoras de *Os apuros de Penélope*. No livro, Penélope era capturada por um vilão que prometera deixá-la trancada em uma torre até a donzela lhe entregar sua virtude.

O romance era bobo, mas isso não a impedira de apreciá-lo. Daisy ficara extremamente desapontada quando Penélope foi salva da ruína iminente por Reginald, o herói insípido que não era nem de longe tão interessante quanto o vilão. É claro que a perspectiva de ser trancada em um quarto de uma torre sem nenhum livro não lhe agradava, mas os monólogos ameaçadores do vilão sobre a beleza de Penélope, seu desejo por ela e a devassidão à qual a submeteria eram muito intrigantes.

Matthew Swift era tão bonito quanto o vilão imaginado por Daisy.

– O que pediu?

Ele fez uma leve careta.

– Isso é particular.

Daisy franziu a testa ao reconhecer o eco de seu comentário anterior. Olhou para seu chapéu no chão e foi buscá-lo. Precisava fugir da presença inquietante de Swift.

– Vou voltar para a mansão – disse por cima de seu ombro. – Tenha um bom dia, Sr. Swift. Aproveite bem o resto de seu passeio.

Para sua consternação, ele a alcançou com alguns passos largos.

– Vou acompanhá-la.

Daisy se recusou a olhá-lo.

– Melhor não.

- Por que não? Vamos na mesma direção.
- Porque prefiro caminhar em silêncio.
- Então ficarei em silêncio.

Deduzindo que era inútil se opor à persistência dele, Daisy apertou os lábios. O prado estava tão bonito quanto antes, mas o prazer dela desaparecera. Não ficou surpresa por Swift ignorar suas objeções. Sem dúvida ele via o casamento deles do mesmo modo. Não importaria o que ela quisesse ou pedisse, não levaria em conta sua vontade e insistiria em fazer o que bem entendesse.

Swift devia pensar que ela era maleável como uma criança. Com sua profunda arrogância, talvez pensasse que ela ficaria grata pelo matrimônio. Ao menos ele se daria ao trabalho de pedi-la em casamento? Muito provavelmente atiraria um anel em seu colo e lhe diria para usá-lo.

Continuando a desagradável caminhada, Daisy se esforçou para não disparar em uma corrida. Seria inútil de qualquer maneira. Swift dava um passo para cada dois dela. O ressentimento lhe provocou um nó na garganta.

Essa caminhada simbolizava seu futuro. Só lhe restaria prosseguir penosamente sabendo que, por mais rápido que andasse, nunca poderia deixá-lo para trás.

Finalmente ela não pôde mais suportar o tenso silêncio.

- Foi o senhor quem enfiou a ideia na cabeça do meu pai?
- Qual ideia?
- Ah, não se faça de desentendido – disse ela irritada. – Sabe do que estou falando.
- Não, não sei.

Pelo visto ele insistiria naquele jogo.

- O acordo que fez com meu pai. Quer se casar comigo para herdar a empresa.

Swift parou tão subitamente que, em outras circunstâncias, isso a teria feito rir. Parecia que ele tinha batido em um muro invisível. Não havia uma expressão clara no rosto dele.

- Eu... – Sua voz estava rouca e ele teve de pigarrear antes de conseguir responder. – Eu não sei do que diabo está falando.

- Não sabe? – perguntou Daisy em voz baixa.

Então sua suposição estava errada. Seu pai ainda não havia revelado o plano dele para Swift.

Se fosse possível morrer de vergonha, Daisy teria caído dura ali mesmo.

Expusera-se ao maior constrangimento de sua vida. No silêncio que se seguiu, o farfalhar de folhas e os gorjeios de pássaros pareceram se amplificar. Ela não tinha a habilidade de ler os pensamentos de Swift, mas percebeu que ele examinava possibilidades e tirava conclusões.

– Meu pai falou como se tudo estivesse combinado. Achei que já haviam discutido o assunto durante a viagem mais recente dele a Nova York.

– Ele nunca comentou nada sobre isso. Aliás, a ideia de nos casarmos nunca passou pela minha cabeça. Não tenho nenhuma ambição de herdar a empresa.

– O senhor não tem nada *além* de ambição.

– É verdade – disse ele, examinando-a atentamente. – Mas não preciso me casar com a senhorita para garantir meu futuro.

– Meu pai parece achar que o senhor aceitaria a oportunidade de se tornar genro dele.

– Eu aprendi muito com ele – respondeu Swift com previsível cautela.

– Estou certa de que sim. – Daisy se refugiou por trás de uma expressão de desdém. – Imagino que tenha ensinado muitas lições que o beneficiaram no mundo dos negócios. Mas nenhuma que o beneficiará no negócio da vida.

– A senhorita desaprova a empresa de seu pai?

– Um pouco. Meu pai se dedicou de corpo e alma a ela e ignorou as pessoas que o amam.

– A empresa proporciona muitos luxos interessantes – salientou ele.

– Eu nunca quis luxo! Nunca quis nada além de uma vida tranquila.

– Para se sentar sozinha na biblioteca e ler? – sugeriu Swift com uma afabilidade um tanto exagerada. – Para passear pelo jardim? Para desfrutar da companhia de suas amigas?

– Sim!

– Livros são caros, assim como as casas bonitas com jardins. Já lhe ocorreu que alguém precisa pagar por sua vida tranquila?

Essa pergunta lembrava tanto a acusação de seu pai de que era uma parasita que Daisy se encolheu. Ao notar a reação dela, a expressão de Swift mudou. Ele começou a dizer outra coisa, mas Daisy o interrompeu bruscamente.

– Não é da sua conta como eu levo a minha vida ou quem paga por isso. Não me importo com suas opiniões e o senhor não tem nenhum direito de impô-las.

– Tenho, já que o meu futuro está sendo ligado ao seu.

– Não está!

– Hipoteticamente.

Ah, como ela detestava pessoas que complicavam tudo quando argumentavam.

– Nosso casamento nunca será nada além de hipotético – informou-lhe. – Meu pai me deu até o fim de maio para encontrar outra pessoa com quem me casar, e eu a encontrarei!

Swift a olhou com grande interesse.

– Posso adivinhar que tipo de homem está procurando. Louro, aristocrata, sensível, alegre e com muito tempo livre para atitudes cavalheirescas...

– Sim – interrompeu-o Daisy, perguntando-se como ele conseguira fazer essa descrição parecer tola.

– Foi o que imaginei. – A presunção na voz de Swift a deixou extremamente irritada. – Seus padrões são altos demais. Isso explica por que uma moça com sua aparência conseguiu passar três temporadas sem arranjar um noivo. Não deseja menos do que o homem perfeito, motivo pelo qual seu pai a está pressionando.

Daisy se distraiu por um momento com as palavras “uma moça com sua aparência”, como se ela fosse uma beldade. Concluindo que o comentário fora feito com um profundo sarcasmo, sentiu sua raiva aumentar.

– Não desejo me casar com o homem perfeito – disse ela baixinho. Ao contrário de sua irmã mais velha, que praguejava com espetacular fluência, Daisy achava difícil falar quando estava zangada. – Estou bem consciente de que isso não existe.

– Então por que ainda não encontrou alguém? Até mesmo sua irmã arranjou um marido.

– O que quer dizer com “até mesmo minha irmã”?

– Case-se com Lillian e ganhará um milhão. – A frase insultante havia causado muita diversão na alta sociedade de Manhattanville. – Por que acha que ninguém em Nova York a pediu em casamento apesar do enorme dote dela? Sua irmã é o maior pesadelo de qualquer homem.

Aquilo era demais.

– Minha irmã é um *tesouro* e Westcliff reconheceu isso. Poderia ter se casado com qualquer mulher, mas escolheu Lillian. Eu o desafio a repetir sua opinião sobre ela para o conde. – Daisy se virou e se afastou, furiosa, andando o mais rápido que suas pequenas pernas lhe permitiam.

Swift a alcançou facilmente, com as mãos enfiadas nos bolsos.

– O fim de maio... – ponderou, nem um pouco ofegante apesar do ritmo deles. – Daqui a menos de dois meses. Como vai encontrar um pretendente em tão pouco tempo?

– Se for preciso, ficarei em uma esquina segurando uma placa.

– Meus sinceros votos de sucesso, Srta. Bowman. Não sei se estou disposto a me apresentar como vencedor por falta de opções.

– Isso não acontecerá! Fique tranquilo, Sr. Swift. Nada no mundo me fará aceitar ser sua esposa. Lamento pela pobre mulher que se casar com o senhor. Não posso imaginar ninguém que mereceria um marido tão frio e arrogante...

– Espere. – O tom dele havia se suavizado no que poderia ser o início de uma conciliação. – Daisy...

– Não me chame pelo meu primeiro nome!

– Tem razão. Isso foi inadequado. Imploro seu perdão. O que quero dizer, Srta. Bowman, é que não há necessidade de hostilidade. Estamos falando sobre um assunto que tem grandes consequências para nós dois. Espero que possamos ser civilizados por tempo suficiente para encontrar uma solução aceitável.

– Só há uma solução – disse Daisy sombriamente. – Diga para meu pai que se recusa a se casar comigo em qualquer circunstância. Prometa fazer isso e tentarei ser civilizada.

Swift parou no caminho, o que forçou Daisy a parar também. Virando-se para olhá-lo, ela ergueu as sobrancelhas, esperançosa. Deus sabia que essa não seria uma promessa difícil para ele, considerando suas afirmações anteriores. Mas Swift estava lhe dando um longo e insondável olhar, com as mãos ainda nos bolsos e o corpo tenso, como se esperasse por algo. Havia um brilho estranho naqueles olhos, como se fosse um tigre à espera.

Ela o encarou, tentando desesperadamente descobrir o que lhe passava pela cabeça e conseguindo perceber sinais de divertimento e desconcertante desejo. Mas desejo *pelo quê?* Certamente não por ela.

– Não – disse ele em voz baixa, para si mesmo.

Daisy balançou a cabeça, perplexa. Estava com os lábios secos e teve de umedecê-los com a ponta da língua para conseguir falar. Perturbou-a o olhar dele seguir aquele pequeno movimento.

– Não, não vou me casar com você? – perguntou.

– Não, não vou prometer isso – respondeu Swift.  
E, passando por ela, continuou andar na direção da mansão.



– Ele está tentando torturá-la – afirmou Lillian com asco quando Daisy lhe contou toda a história, mais tarde naquele dia.

Elas estavam sentadas na sala particular no andar superior da mansão com suas duas amigas mais íntimas, Annabelle Hunt e Evie, Lady St. Vincent. Haviam se conhecido dois anos antes, um quarteto de jovens que, na época, por vários motivos, ainda não tinha conseguido arranjar pretendentes.

Era uma crença comum na sociedade vitoriana que as mulheres, com sua natureza volúvel e inteligência inferior, não podiam ter a mesma qualidade de amizade que os homens. Só eles podiam ser leais, realmente honestos e magnânimos.

Daisy considerava aquilo besteira. Elas eram unidas por um laço de grande afeto e confiança. Ajudavam umas às outras e se incentivavam sem um pinga de competição ou ciúme. Daisy gostava de Annabelle e Evie quase tanto quanto de Lillian. Podia facilmente imaginá-las no futuro, falando sobre seus netos enquanto tomam chá com biscoitos, senhoras de cabelos grisalhos e línguas afiadas.

– Não acredito nem um pouco que o Sr. Swift não sabia de nada – continuou Lillian. – Ele é um mentiroso e está mancomunado com nosso pai. É claro que quer herdar a empresa.

Lillian e Evie estavam instaladas em cadeiras estofadas em brocado perto das janelas, enquanto Daisy e Annabelle se acomodavam no chão envoltas nas camadas coloridas de suas saias. Uma garotinha roliça engatinhava de um lado para outro entre elas, de vez em quando parando para examinar algo no tapete com seus pequeninos dedos.

O bebê, Isabelle, era filha de Annabelle e Simon Hunt, nascida cerca de dez meses antes. Certamente nenhum bebê já fora tão adorado por todos na casa, até mesmo pelo pai.

Contra todas as expectativas, o másculo e viril Sr. Hunt não ficara nem um pouco desapontado por seu primogênito ser do sexo feminino. Ele amava a filha, não hesitando em segurá-la em público e em lhe murmurar

palavras ternas de um modo que os pais raramente ousavam fazer. Instruíra Annabelle a lhe dar mais filhas no futuro, afirmando de maneira jocosa que sempre desejara ser amado por muitas mulheres.

Como se poderia esperar, a menina era linda. Seria uma impossibilidade física para Annabelle gerar uma criança menos que espetacular. Segurando o corpo robusto e esquivo do bebê, Daisy lhe beijou o pescoço macio antes de voltar a colocá-la no tapete.

– Vocês deviam tê-lo ouvido. Ele foi incrivelmente arrogante. Concluiu que é culpa minha ainda estar solteira. Disse que meus padrões são altos demais. Fez uma preleção sobre o custo dos meus livros e disse que alguém tem que pagar pelo meu oneroso estilo de vida.

– Que ousadia! – exclamou Lillian, ficando com o rosto vermelho de raiva.

Daisy imediatamente lamentou ter lhe contado. O médico da família dissera que Lillian não deveria se aborrecer perto do último mês de gestação. Ela havia ficado grávida e sofrido um aborto no ano anterior. A perda fora muito difícil para a irmã.

Apesar das garantias do médico de que ela não tivera culpa do aborto, Lillian ficara muito triste durante semanas. Mas com o consolo constante de Westcliff e o apoio amoroso de suas amigas, pouco a pouco voltara ao seu estado de espírito normal.

Consciente da possibilidade de outro aborto, estava muito mais cuidadosa agora. Infelizmente não era uma daquelas mulheres que floresciam no confinamento. Estava com manchas na pele, nauseada e irritada com as restrições que seu estado impunha.

– Não vou tolerar isso! – exclamou. – Você não vai se casar com esse Matthew Swift e mandarei papai para o inferno se ele tentar enviá-la para longe da Inglaterra!

Ainda sentada no chão, Daisy acariciou o joelho de sua irmã mais velha em um gesto tranquilizador e se forçou a sorrir enquanto contemplava seu rosto perturbado.

– Tudo vai ficar bem. Pensaremos em alguma coisa.

Elas eram muito unidas havia anos. Na ausência do afeto dos pais, eram a única fonte de amor e apoio uma para a outra.

Evie, a mais calada das quatro amigas, falou com a leve gagueira que aparecia sempre que ficava nervosa ou era movida por uma forte emoção. Quando

tinham se conhecido, dois anos antes, a gagueira era tão grave que tornava a conversa frustrante. Mas desde que havia deixado sua família agressiva e se casado com lorde St. Vincent, Evie ganhara muito mais autoconfiança.

– O Sr. Swift re-realmente concorda em ter uma noiva que não seja da sua escolha? – Evie afastou da testa um cacho ruivo brilhante. – Se o que ele disse for verdade, que já está com sua situação financeira ga-garantida, não tem nenhum motivo para se casar com Daisy.

– Isso não é só questão de dinheiro – respondeu Lillian, procurando uma posição mais confortável em sua cadeira. Ela estava com as mãos pousadas na ampla curva de sua barriga. – Papai trata Swift como um filho adotivo, já que nenhum de nossos irmãos correspondeu às expectativas dele.

– Às expectativas dele? – perguntou Annabelle, intrigada.

Ela se inclinou para beijar os dedos dos pés agitados da filha, fazendo a criança rir.

– Dedicando-se à empresa – esclareceu Lillian. – Sendo eficiente, frio e inescrupuloso. Disposto a pôr os interesses comerciais acima de tudo em sua vida. Nesse quesito, papai e o Sr. Swift falam a mesma língua. Nosso irmão Ransom tentou conquistar seu espaço, mas papai sempre o compara com o Sr. Swift.

– E o Sr. Swift sempre sai ganhando – disse Daisy. – Pobre Ransom.

– Nossos outros dois irmãos nem mesmo se deram ao trabalho de tentar – disse Lillian.

– Mas e quanto ao pai verdadeiro do Sr. Swift? – perguntou Evie. – Não faz nenhuma objeção ao filho ser tratado como filho de outro?

– Bem, essa sempre foi a parte estranha – respondeu Daisy. – O Sr. Swift vem de uma família muito conhecida na Nova Inglaterra. Eles se estabeleceram em Plymouth e alguns foram parar em Boston no início do século XIII. Os Swifts são famosos por sua linhagem distinta, mas poucos conseguiram manter seu dinheiro. Como nosso pai sempre diz, a primeira geração o ganha, a segunda o gasta e a terceira só herda o nome. É claro que, em se tratando da velha Boston, o processo demora dez gerações em vez de três, porque eles são muito mais lentos em tudo...

– Você está divagando, querida – interrompeu-a Lillian. – Volte ao assunto.

– Desculpe-me. – Daisy sorriu brevemente antes de continuar. – Bem, nós suspeitamos de que haja algum tipo de desavença entre o Sr. Swift e sua família porque quase nunca fala deles. E raramente vai visitá-los em



Massachusetts. Por isso, mesmo se o pai do Sr. Swift se opusesse a ele entrar para outra família, nunca saberíamos.

As quatro mulheres se calaram por um momento, refletindo sobre a situação.

– Encontraremos alguém para Daisy – disse Evie. – Agora que podemos procurar alguém que não seja aristocrata, será bem mais fácil. Há muitos cavalheiros de bom sangue e boa linhagem que não possuem títulos.

– O Sr. Hunt tem muitos conhecidos solteiros.

– Eu agradeço – disse Daisy –, mas não gosto da ideia de me casar com um homem de negócios. Tão frios. Nunca seria feliz. – Parando, disse, desculpando-se: – Sem querer ofender o Sr. Hunt, é claro.

Annabelle riu.

– Eu não diria que todos os homens de negócios são frios. O Sr. Hunt às vezes é bastante sensível e até mesmo emotivo.

As outras a olharam ceticamente, incapazes de imaginar o grande e destemido marido de Annabelle como um homem sensível. O Sr. Hunt era inteligente e encantador, mas parecia tão insensível quanto um elefante seria ao zumbido de um mosquito.

– Nós acreditamos em você – disse Lillian. – Voltando ao assunto... Evie, pode perguntar a lorde St. Vincent se ele conhece algum cavalheiro adequado para Daisy? Ele deve ser capaz de encontrar um tipo decente. Deus sabe que ele possui informações sobre todos os homens na Inglaterra com algum dinheiro no bolso.

– Vou perguntar – respondeu Evie. – Estou certa de que poderemos encontrar alguns candidatos apresentáveis.

À frente do Jenner's, o clube de jogos exclusivo que o pai de Evie fundara muito tempo atrás, lorde St. Vincent estava rapidamente levando o negócio a um nível de sucesso jamais alcançado. Dirigia o clube com rigor, mantendo arquivos detalhados sobre a vida pessoal e financeira de todos os membros.

– Obrigada – respondeu Daisy com sinceridade. Seus pensamentos se fixaram no clube. – Eu gostaria de saber... você acha que lorde St. Vincent conseguiria descobrir mais sobre o passado misterioso do Sr. Rohan? Talvez ele seja descendente de um lorde irlandês ou algo desse tipo.

Um breve silêncio invadiu a sala como uma corrente de ar frio. Daisy viu a irmã e as amigas trocando olhares e subitamente ficou irritada com elas e até mais consigo própria por ter mencionado o homem que ajudava a dirigir o clube de jogos.

Rohan era um jovem de origem em parte cigana, com cabelos escuros e olhos brilhantes cor de avelã. Eles só haviam se encontrado uma vez, quando Rohan lhe roubara um beijo. Três beijos, para ser exata, e essa tinha sido a experiência mais erótica de toda sua vida. Na verdade, a *única* experiência erótica de toda sua vida.

Rohan a beijara como se ela fosse uma adulta em vez de a irmã mais nova de alguém, com uma sensualidade que sugeria todas as coisas proibidas a que os beijos levavam. Daisy deveria ter lhe dado um tapa. Em vez disso, sonhara com esses beijos pelo menos mil vezes.

– Acho que não, querida – comentou Evie com muita gentileza, e Daisy sorriu com uma alegria exagerada, como se estivesse brincando.

– Ah, é claro que ele não é! Mas você sabe como é minha imaginação...

– Devemos nos manter concentradas no que é importante, Daisy – disse Lillian firmemente. – Sem fantasias ou histórias... e sem mais pensamentos em Rohan. Isso só servirá para distraí-la.

O primeiro impulso de Daisy foi dar uma resposta mordaz como sempre fazia quando Lillian era mandona. Contudo, ao olhar nos olhos da irmã, da mesma cor dos seus, viu o brilho de pânico e sentiu um amor protetor.

– Tem razão – disse, forçando-se a sorrir. – Não precisa se preocupar. Farei o que for preciso para ficar aqui com você. Até mesmo me casar com um homem que não amo.

Outro silêncio, e então Evie falou:

– Nós encontraremos um homem que você poderia amar, Daisy. Espero que a afeição mútua aumente com o tempo. – Um sorriso surgiu em seus lábios grossos. – Às vezes isso acontece.

## CAPÍTULO 3

**O** acordo que fez com meu pai.

A voz de Daisy ecoava na mente de Matthew. Na primeira oportunidade, conversaria com Thomas Bowman e lhe perguntaria o que diabo estava

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)